



## FAMÍLIAS NUMEROSAS

# Cinco estrelas

Fernanda e Armando Mendes gerem um hotel em Fátima e os cinco filhos não se coíbem de aprender a arte de bem receber. Enquanto for possível, a descendência continuará a aumentar

Texto de **Gabriela Oliveira** Fotografias actuais de **António Pedro Santos**

**A** CASA da família Mendes e o hotel que exploram estão a uma distância estratégica. Ficam no mesmo quarteirão e as traseiras são coincidentes. Os filhos nem precisam de circular na rua quando se deslocam de casa para o hotel: usam o circuito interno. Durante gran-

de parte do dia ficam «**em ambiente familiar**» sem deixar de contactar com pessoas diferentes, o que é considerado uma mais valia. «**Eles adoram participar e acabam por ter um convívio fantástico no hotel**», diz a mãe. De vez em quando, mesmo os mais pequenos não resistem a ficar atrás do balcão na

recepção e a entregar as chaves dos quartos aos clientes.

Quando chegam famílias com crianças da mesma idade «**é sempre uma luta para que os nossos não entrem nos quartos nem levem os amiguinhos para casa para brincar**», comentam. Os filhos estão habituados a ouvir os pais a saltar de idioma

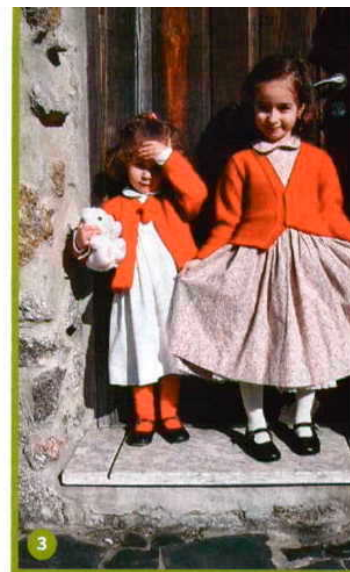
em idioma e já não estranham o rodopio de pessoas a entrar e a sair na loja de artigos religiosos ou na recepção do hotel.

Há muito que a família de Armando Mendes está ligada à hotelaria. A primeira pensão em Fátima foi criada nos anos 30 pelos seus avós para dar resposta à crescente afluência de peregrini-



**Fernanda na adolescência dizia: 'Quando casar vou ter dez filhos como a minha mãe'. E ainda tenciona aproximar-se desse número**

- 1. Fernanda e Armando com os filhos
- 2. Filomena, Teresa e João
- 3. As irmãs mais velhas no Sameiro, em 2005
- 4. Os irmãos em Famalicão, em Junho de 2008
- 5. Auto-retrato de Filomena
- 6. Maria do Carmo



nos e o hotel, de média dimensão, que agora gerem foi mandado construir pelos pais de Armando. «Ele cresceu dentro do negócio mas eu não», conta Fernanda. «Sou 100% minhota, sempre fui muito caseira». Embora seja formada em Engenharia Agrónoma, prefere não exercer, dá uma ajuda no escritório da empresa e dedica o máximo de tempo aos filhos.

«Se nos primeiros anos não lhes dermos o apoio e a noção de família, quando é que vamos dar?», pergunta Fernanda. Nenhum dos filhos frequentou a creche ou o jardim de infância e as actividades extracurriculares proporcionadas pela escola no primeiro ciclo são dispensadas, para que os irmãos possam conviver entre si. «Fazemos imensas actividades e noto uma grande simbiose entre eles». Desde os dois anos de idade que os irmãos frequentam a Sociedade Artística Musical dos Pousos, o que implica deslocações frequentes a



Leiria para as aulas de música. O investimento tem valido a pena, já que os filhos «são todos muito musicais e dançarinos como o pai».

**Piquenique e futebol**

Foi a devoção mariana que ajudou a cruzar os destinos. Fernanda tinha 30 anos e Armando 46 quando casaram, partilhando a ideia de que seria bom aceitar todos os filhos que viessem. A primeira foi Filomena, que tem oito anos, seguindo-se Teresa (seis), João (quatro), Maria do Carmo (dois) e Armando José (um). Mas a prole não ficará por aqui.

Fernanda na adolescência dizia: «Quando casar vou ter dez filhos como a minha mãe!» e, embora ache que já não vai a tempo de realizar a proeza, tenciona aproximar-se um pouco mais desse número. «Sei bem o que é ter uma família numerosa», diz com orgulho. A mãe teve dez filhos mas quando casou o pai já tinha sete, por isso no total eram 17 irmãos. «Passá-

mos por muitas provações só que foi tão bom sermos tantos! Hoje já nada me assusta». Todos os anos em Setembro, os irmãos Mesquita Guimarães reúnem-se em Famalicão para confraternizar. No último encontro, eram mais de 200 familiares a partilhar o farnel e chegaram a formar várias equipas de futebol, com assistência e tudo.

Às vezes o casal interroga-se como seria o dia-a-dia com menos filhos. Financeiramente viveriam mais folgados só que perderiam a «adição especial e única que cada um dá à família». E lembram o episódio em que a avó Marta estava doente, tinha acabado de chegar do hospital e a pequena Maria, com três anos, virou enfermeira: «Vou tratar de ti avó, não te preocupes! Faz-te companhia e dou-te a comida». Colher a colher, deu a sopa toda à avó, sem permitir que ninguém a ajudasse na tarefa. «Se a Maria não existisse, nem a avó era tão mimada...», elogiam. Cada filho tem o seu lugar e dá o seu contributo para o equilíbrio da família.